



EDUCOPÉDIA: OBJETO EDUCACIONAL DIGITAL HIPERTEXTUALIZADO – APLICAÇÃO NA SALA DE AULA.

Marinaldo de Souza Silva (Autor)¹; João Wandemberg Gonçalves Maciel (Orientador)².

Universidade Federal da Paraíba.

¹marcultura273@gmail.com

²joaowandemberg@gmail.com

Resumo

Este artigo visa apresentar o resultado da aplicação em sala de aula do Objeto Educacional Digital Hipertextualizado Educopédia, nas turmas dos anos finais do ensino fundamental. A proposta da atividade de pesquisa etnográfica foi solicitada pela Disciplina Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional, do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal da Paraíba. As aulas foram ministradas pelo mestrando em uma escola pública em Areia, Paraíba. O objetivo da proposta foi analisar a partir da leitura do texto de Luiz Fernando Gomes (2008), “Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise”, disponível no endereço eletrônico: <http://e-revista.unioeste.br/index/article/view/3128/2463>, um dos objetos digitais, propostos pela disciplina. Após a escolha, foi aplicado em sala de aula. A análise seguiu os critérios sugeridos por Gomes (2008), na 1ª Categoria: Conteúdos; na 3ª Categoria: proposta pedagógica e na 5ª Categoria: público a que se destina. Escolhemos o Portal Educacional EDUCOPÉDIA, disponível no endereço eletrônico: <http://www.educopedia.com.br/>. Acessando os *links*, pudemos verificar a extrema valia em trabalhar com hipertextos, conforme asseveram: Coscarelli (2012), Gomes (2011), Marcuschi e Xavier (2005), dentre outros. A experiência vivenciada contribuiu, de forma significativa, ao utilizarmos o hipertexto no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, viabilizando-o como mecanismo de educação, tornando nossos jovens, cidadãos digitais no contexto escolar atual.

Palavras-chave: Educopédia, Objeto digital, Ensino/aprendizagem, Hipertexto.

Introdução

“É necessário que o professor receba, na sua formação inicial, uma adequada capacitação, não somente para a utilização técnica e sêmica dos meios, mas, também, para sua avaliação e pesquisa”. (CABERO, 1998).

As questões acerca do letramento digital, dos gêneros discursivos/textuais e das capacidades leitoras parecem não serem mais temas totalmente novos para a escola e para os professores de Língua Portuguesa. Apesar de tais estudos serem relativamente recentes no



campo da linguística aplicada, são amplamente divulgados e, de certa forma, bem aceitos pela comunidade escolar.

No plano da fundamentação teórica, pelos corredores da escola, muito já se ouve falar em “letramento digital”, “desenvolvimento dos processos de escrita” e “capacidades de leitura”. Na prática docente, porém, os conceitos de letramento e alfabetismo ainda se confundem, e as concepções presentes no cotidiano da sala de aula e em certos materiais didáticos também se misturam constantemente.

Um dos desafios da escola contemporânea é transformar o discurso recorrente de professores e de gestores escolares sobre a importância dos letramentos, especificamente, o letramento digital, favorecendo nas práticas pedagógicas de forma efetivas em sala de aula.

Enquanto esse desafio vem sendo deflagrado, e tentativas de minimização são criadas no dia a dia nas esferas escolares, outro desafio vem se configurando: o alargamento da noção de letramento na contemporaneidade, por meio da tecnologia e das inúmeras novas práticas sociais que se delineiam.

Isso ocorre em virtude da diversificação e da circulação da informação, da diminuição das distâncias espaciais – tanto em termos geográficos como em termos culturais -, da diminuição das distâncias temporárias e, finalmente, da multiplicidade dos modos de significar que a tecnologia evidencia intensamente.

Nessa perspectiva, no mundo globalizado em que estamos hoje, os recursos tecnológicos digitais vêm ocupando cada vez mais espaço nas residências, assim como em diversos outros ambientes. E um desses ambientes, é o espaço escolar, no qual o professor pode apropriar-se de recursos como a internet para realizar aulas mais interativas e dinâmicas, ao mesmo tempo em que promove a inserção do aluno no mundo da tecnologia, de modo que, os alunos possam ao mesmo tempo em que fazem uma utilização mais consciente desse recurso, desconstruírem a visão de que a internet apenas serve para a pesquisa e para a comunicação.

Contudo, para que a utilização dos recursos tecnológicos digitais possa atingir a finalidade pretendida pelo professor, é preciso que ele possa utilizar meios ou novas metodologias de ensino para que os alunos vejam a internet como um novo espaço para a aprendizagem, ao mesmo tempo em que a utiliza como uma nova ferramenta nesse processo.

As práticas de linguagens na contemporaneidade exigem novas reflexões no processo de ensino da leitura, já que novas são as relações multiculturais entre o que é local e global, valorizado e não valorizado; novas são as formas de circulação dos gêneros discursivos/textuais e as situações de produção; novas são as ferramentas de leitura-escrita. Diante destas questões, a referida atividade visa apresentar o resultado da aplicação em sala de aula do Objeto Educacional Digital Hipertextualizado - Educopédia, em uma turma de 8º ano do ensino fundamental. A atividade de intervenção foi proposta pela disciplina Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional, do Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional – PROFLETRAS/UFPB. As aulas foram ministradas pelo mestrando em uma escola pública na cidade de Areia, Paraíba. O objetivo da proposta foi analisar a partir da leitura do texto de Gomes (2008), “Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise”, disponível no endereço eletrônico: <http://e-revista.unioeste.br/index/article/view/3128/2463>, um dos objetos digitais, propostos pela disciplina. Após a escolha, foi aplicado em sala de aula. A análise seguiu os critérios sugeridos por Gomes (2008): Conteúdos; proposta pedagógica e público a que se destina. Escolhemos o Portal Educacional Educopédia, disponível no endereço eletrônico: <http://www.educopeia.com.br/>. Acessando os *links*, pudemos verificar a extrema valia em trabalhar com hipertextos, conforme asseveram: Cabero (1998), Coscarelli (2012), Gomes (2011), Marcuschi e Xavier (2005), dentre outros.

Metodologia

A experiência vivenciada com o Objeto Educacional Digital Hipertextualizado em sala de aula constituiu-se a partir da leitura do texto de Gomes (2008). Em seguida, acessamos um dos *links* de Objetos Digitais de Aprendizagem, do Portal Educacional **Educopédia**, no qual se encontra o *link*, intitulado: “Intertextualidade I”, esse se enquadrando no conteúdo selecionado pelo Componente Curricular Língua Portuguesa, a ser trabalhado na turma do 8º ano do ensino fundamental.

Diante do exposto acima, a professora da turma, sugeriu que trabalhássemos o conteúdo “**Diálogos textuais em propagandas: intertextualidade I**”, por se tratar de um dos fatores pragmáticos da textualidade. Nessa perspectiva, apresentamos um vídeo aula, reforçamos os conceitos de hipertextos, de intertextualidade e as características composicionais contempladas na esfera ou no domínio discursivo propaganda.

Por fim, fizemos a aplicação em sala de aula, analisamos a atividade consoante os

critérios sugeridos por Gomes (2008), como também as orientações teóricas de Cabero (1998) Coscarelli (2012), Gomes (2008), Marcuschi e Xavier (2005), dentre outros.

. Dentre todos os Objetos Educacionais Digitais acessados, observamos que alguns dos critérios estabelecidos por Gomes (2008), correspondiam às expectativas e aos interesses dos educandos e outros não. Assim sendo, escolhemos o Portal Educacional Educopédia por atender aos requisitos e aos critérios propostos para análise e às expectativas do conteúdo trabalhado em sala de aula na disciplina Língua Portuguesa, na escola pública *lucus* da aplicação da atividade, na turma do 8º ano do ensino fundamental.

Segundo os autores utilizados como suporte teórico do estudo em voga, há diferentes critérios a serem seguidos para avaliar um audiovisual didático. Cabero (p. 264), por exemplo, faz uma extensa revisão dos critérios defendidos por diferentes autores, mas acaba, ele mesmo, sugerindo seus próprios. O que parece claro, observando a proposta, é que o audiovisual pode ser avaliado em suas características técnicas e didáticas intrínsecas, a partir de uma perspectiva global ou discriminando diferentes dimensões: conteúdos, proposta pedagógica e o público a que se destina, seguindo a proposta da atividade e de acordo com Gomes (2008). De qualquer forma, a avaliação deve levar em conta critérios sobre a qualidade científica e técnica do audiovisual e a possível adequação às necessidades previstas pelo professor. Segundo Cabero (p. 281) é de extrema valia que o professor “reflita” e decida sobre a qualidade técnica-estética e curricular dos materiais que lhe são apresentados, a sua adequação às características de seus alunos e à ideologia subjacente no mesmo.

Diante dos procedimentos metodológicos utilizados acima, pudemos verificar no desenvolvimento da atividade proposta que, a escolha do Objeto Educacional Digital Educopédia se deu por critérios pedagógicos e funcionais. Nessa perspectiva, na aplicação da atividade, houve uma interação e participação excelentes de toda a comunidade estudantil. Cientes disso, quando a Coordenação e a Gestora Educacional foram comunicadas da aplicação do Objeto educacional Digital, não demonstraram nenhuma resistência, ofereceram apoio para que a aula fosse realizada com sucesso.

Dessa maneira, a aplicação se deu de forma tranquila e participativa pela maioria dos discentes no desenvolvimento e aplicabilidade da atividade proposta. Entretanto, o envolvimento dos educandos não se deu igualmente, embora tenham participado e até se envolvido no conteúdo, opinando sobre os vídeos, sobre as propagandas, riram dos vídeos e

responderam ao QUIIS, presentes no objeto educacional, amenizando os impactos na sociedade atual.

Resultados e Discussão

No contexto atual, é de suma importância a formação de jovens da era digital em verdadeiros cidadãos capazes de utilizar as mídias digitais contemporâneas tanto na escola quanto fora dela. Após a aplicação do objeto digital e utilizando os critérios de avaliação propostos por Cabero, 2001 (*apud* Gomes, 2008), observou-se:

No item 1ª Categoria: **conteúdos**, os tópicos apreciados foram: clareza, contextualização, conhecimentos prévios exigidos dos alunos para acompanhar o material, adequação da linguagem e do conteúdo trabalhado com o público-alvo. Esses itens avaliativos atenderam à 3ª categoria: **proposta pedagógica**, apresentando aos jovens aprendizes novos procedimentos metodológicos de maneira satisfatória de acordo com o Objeto Educacional Digital Hipertextualizado trabalhado de formas lúdica e processual.

Por fim, avaliamos a 5ª categoria: **público a que se destina**. Observamos que os itens destinados a essa categoria é claramente definido e identificável, uma vez que a linguagem e o formato são adequados ao público-alvo. Assim sendo, pudemos perceber em uma análise geral que, o objeto educacional digital de aprendizagem foi aceito pelos discentes.

Os textos, ao longo da história da humanidade, apresentam-se, em sua maioria, como narrativas retóricas e lineares, ou seja, a narrativa segue uma temporalidade linear, com acontecimentos subsequentes. Mas nem sempre foi assim, e hoje em dia também não é mais só assim. Antes de ter o suporte que conhecemos e ainda usamos, atualmente, o livro já foi de tábuas, de argila, de rolos de papiro, de folhas de papel costuradas. Nos últimos tempos, transmutou para o formato digital, competindo, assim, com o formato analógico.

Com o passar dos anos, em pleno século XXI, com o excesso de informações, a narrativa ganha uma estrutura hipertextual, com forma de organização em rede, facilitando a interatividade entre textos para a busca da informação com mais rapidez. O termo hipertexto foi criado por Theodore Nelson, na década de 1960, para denominar a forma de escrita e de leitura não linear na informática. O hipertexto assemelha-se à forma como o cérebro humano processa o conhecimento, fazendo relações, acessando informações diversas, construindo ligações entre fatos, imagens, sons, enfim, produzindo uma teia de conhecimentos.



Nesse sentido, no hipertexto o leitor passa a ter uma participação mais ativa, pois ele pode seguir caminhos variados dentro do texto, selecionando pontos que o levam a outros textos ou outras mídias para complementar o sentido de uma leitura. O leitor torna-se, assim, um coautor do texto, pois constrói tramas paralelas de acordo com seu interesse.

No entanto, o hipertexto não está somente na internet. Um livro de formato analógico também pode ter uma estrutura interna em forma de hipertexto. Um livro de contos, por exemplo, pode ser lido sem seguir a ordem em que os contos foram organizados. As enciclopédias e os dicionários também apresentam estrutura hipertextual, já que indicam outros verbetes que complementam a consulta do leitor. E ainda há livros em que o autor coloca nas margens, informações complementares ao texto principal, buscando o formato hipertextual.

Diante disso, estamos rodeados por hipertextos dentro e fora da internet. O hipertexto permite a interatividade e a livre escolha para começar a leitura por qualquer um dos textos que compõem a tela. O leitor é quem decide por quais passará, percebendo novos caminhos, ampliando os limites de leitura.

Nesse sentido, o conceito de hipertexto é fundamental para os diversos usos dos objetos educacionais digitais, pois o hipertexto é, em sua definição, segundo Coscarelli (2012), é uma forma de escrita e de leitura não linear, com blocos de informação ligados a palavras, partes de um texto ou, por exemplo, imagens, vídeos didáticos, gêneros discursivos/textuais, dentre outros.

Gomes (2008) assegura que, será possível fazer um bom uso, em sala de aula, de vídeos “ruins” ou vídeos não produzidos especificamente para fins didáticos. Nesse sentido, a escolha de um vídeo mal elaborado e com defeitos, pode acabar com as pretensões do professor em uma aula.

Segundo Marcuschi & Xavier (2005), o hipertexto deve fazer parte das práticas de letramentos dos discentes, eles acreditam ser de extrema importância à presença do hipertexto quando da realização das atividades escolares, particularmente no que se refere às práticas da escrita, inclusive, podemos tomar o hipertexto como um bom momento para rever a questão mais ampla do papel da escola no letramento, em especiais, no letramento digital e na utilização do computador como ferramenta para o ensino de Língua Portuguesa. Assim sendo, trata-se de um caso importante para se analisar como tecnologia e cultura interagem de forma



sistemática e significativa, interferindo nas práticas grafocêntricas que circulam na sociedade digital e globalizada.

Nessa seara, cabe ao professor saber avaliar um vídeo, seguindo os critérios de análise proposto pelo autor nas quais tomamos como referências para a nossa análise, procurando adequá-los aos diferentes propósitos a serem alcançados e aproximando dos sujeitos no fazer pedagógico. Cabe, também, explicar que no vídeo, faz-se grande uso da contiguidade, da justaposição de imagens, por algum critério de analogia, de associação por semelhança ou por oposição, gerando um novo significado. Assim sendo, a linguagem audiovisual desenvolve múltiplas atitudes perceptivas: solicita constantemente a imaginação e atribui à afetividade um papel de mediadora primordial, enquanto a linguagem escrita desenvolve mais o rigor, a organização, a abstração e a análise lógica.

Pode-se perceber que a análise de um produto audiovisual não é uma tarefa das mais simples; ao contrário, além de tomar tempo, ela requer do professor, uma gama de conhecimentos teóricos e práticos, que incluem noções de linguagem audiovisual, de estética e de atualização teórica em seu campo de saber, além de clareza dos propósitos pedagógicos para o uso do material. As três categorias propostas para análise da atividade, objeto deste trabalho, tentam sistematizar uma avaliação que, de forma muitas vezes mais intuitiva do que técnica, já é feita pelos professores, em um exercício de tentativa e de erro. As dimensões aqui elencadas podem servir como um roteiro, como um conjunto de referências a ser seguido pelo professor, ficando a seu critério, porém, atribuir algum tipo de peso ou escala para a presença ou não de determinadas características no material sob análise. Por outro lado, deve-se ressaltar que o professor não precisa analisar item a item; mesmo porque uma lista tão extensa e detalhada como a apresentada, corre o risco de desmotivar a realização da análise. Talvez o mais importante seja a relevância das categorias observadas no conjunto e não isoladamente, pois é a articulação das linguagens que caracteriza uma obra audiovisual.

Deve-se ter em mente também que, embora revestida de conceitos técnicos, a avaliação de um audiovisual didático é subjetiva e está relacionada aos conhecimentos do professor sobre as três categorias propostas, a sua experiência no uso de audiovisuais didáticos e aos objetivos educacionais que pretende alcançar com o uso da ferramenta.

Considerações Finais

Durante a aplicação do objeto educacional digital de aprendizagem, despertou-nos



uma nova visão acerca dos mecanismos disponíveis para a nova geração. Nessa perspectiva, nossos aprendizes estão ansiosos por aulas mais interativas e motivadoras que despertem neles o entusiasmo por uma escola mais atrativa e efetiva nos aspectos formativos, nos conteúdos (atitudinais, conceituais e procedimentais) e na participação como um todo, envolvendo o processo educativo tanto nas avaliações qualitativas quanto nas quantitativas, favorecendo o ensino e a aprendizagem.

Como formadores de opiniões, é essencial que estejamos atualizados para que façamos um trabalho mais eficiente em nossas salas de aula. Sabendo-se que devido aos avanços da vida moderna, faz-se necessário a mudança do conceito de ler e de escrever. Esses conceitos devem ter sentidos e significados para que essa geração digital possa atuar como cidadãos conscientes, críticos e participativos na sociedade contemporânea. A experiência vivenciada contribuiu, de forma significativa, com a utilização do hipertexto no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, viabilizando-o como mecanismo de educação.

A escolha de um bom audiovisual é fundamental para evitar que as propostas do professor para o uso do material não sejam prejudicadas pela baixa qualidade do material ou pela inadequação do mesmo às atividades planejadas pelo professor. Em muitos casos, corre-se o risco de a forma chamar mais atenção do que o conteúdo e, nesse caso, levar os alunos à dispersão, redundando em uma possível desmotivação do professor para trabalhar com audiovisuais em suas aulas.

Por outro lado, um material audiovisual bem selecionado, aliado a uma proposta didática coerente com os objetivos da aula, podem dar mais vida e interesse às atividades de classe e, quem sabe, sirva de inspiração para a produção de audiovisuais pelos próprios alunos.

Por fim, percebemos que, as linguagens de áudio e de vídeo têm permeado boa parte das relações entre as pessoas, tanto no lazer quanto no trabalho, nota-se que há uma carência de pesquisas que indiquem critérios para análise e a avaliação da quantidade dos produtos audiovisuais e de sua proposta pedagógica. Além de auxiliar o professor na escolha e na seleção de audiovisuais educativos, os critérios propostos poderão ser utilizados para nortear a produção de vídeos didáticos por professores e alunos. A experiência foi salutar aos educandos e ao professor.

Referências



CABERO, J. C. Avaliar para melhorar: meios e materiais de ensino. In: SANCHO, J. Maria (Org.) **Para uma tecnologia Educacional**. Trad. Beatriz Affonso Neves. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 257-284.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.) **Hipertextos**: na teoria e na prática. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

GOMES, Luiz Fernando. **Data show em sala de aula**: fetiche tecnológico contemporâneo. Educação à Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais, ano III, v. 9, nº 9, dez. 2011.

_____. “**Vídeos didáticos**: uma proposta de critérios para análise”, disponível no endereço eletrônico: <http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3128/2463>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio.; XAVIER, L. A. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

WEBGRAFIA:

EDUCOPÉDIA: *Link* do objeto analisado disponível no endereço eletrônico:

http://www.educopedia.com.br/App_Themes/Educopedia/images/download.png

<http://www.educopedia.com.br/Cadastros/Aula/Visualizar.aspx?pgnid=203>